

Ano XX nº 6047 – 08 de maio de 2019

Contraf-CUT cobra garantia de emprego do Itaú



Até a primeira quinzena de abril, o Itaú havia fechado 35 agências no país em 2019, segundo o banco por não darem resultados positivos. Esse número mais do que duplicou segunda-feira (6), chegando a 77 agências fechadas no país em 2019. O banco ainda vai fechar mais 57 agências até dia 3 de junho.

As informações foram passadas pelo próprio banco durante reunião com a Comissão de Organização dos Empregados (COE) do Itaú na manhã desta terça-feira (7), na sede da Contraf-CUT, em São Paulo.

“A informação é preocupante não apenas para os trabalhadores, mas também para os clientes e para a sociedade como um todo. Os trabalhadores correm o

risco de ficarem sem emprego e os clientes de ficarem sem atendimento. A cada dia que passa é maior o número de bairros e mesmo cidades sem nenhuma agência bancária”, observou o dirigente da Contraf-CUT e coordenador da COE do Itaú, Jair Alves.

Nas 35 agências fechadas até 15 de abril, 112, dos 122 funcionários da área operacional foram realocados, os outros 10 foram desligados, segundo o banco, por problemas na performance.

“Cobramos do banco que seja reaberto o Centro de Realocação e que os bancários realocados não tenham avaliação de performance durante os seis primeiros meses de realocado. Vamos acompanhar de perto, em todo o Brasil, as realocações dos bancários”, afirmou Ramon Peres, bancário do Itaú e coordenador da COE do Itaú em MG.

O diretor do SindBancários Petrópolis e funcionário do Itaú-Unibanco, Sávio Barcellos, participou desta reunião. Uma nova reunião deve acontecer no dia 18 de junho, quando o banco atualizará as informações de realocação das novas agências fechadas. Mas, os trabalhadores vão se reunir antes disso para analisar as possíveis ações a serem tomadas contra o fechamento de agências e as demissões de funcionários.

Os infoproletários, a tecnologia e a uberização do trabalho

Recentemente, os pesquisadores Ricardo Antunes, Luci Praun e Cláudia Mazzei Nogueira, que fazem parte do grupo de pesquisa *Metamorfose do Mundo do Trabalho*, da Unicamp, fizeram uma pesquisa sobre um novo perfil de trabalhador, o **infoproletário**, que trata das relações de trabalho, novas tecnologias e o impacto na vida e, principalmente, na saúde dos trabalhadores

São exemplos de infoproletários motoristas de aplicativos, operadores de telemarketing, técnicos da indústria de software, vendedores do comércio digital e, claro, bancários. “É aquele trabalhador que em qualquer atividade que ele desempenha ele depende da máquina digital, informacional, do smartphone ou de alguma modalidade de trabalho digital”, explica o sociólogo Ricardo Antunes.

De acordo com o pesquisador, as características do trabalho dos infoproletários são: alta intensidade no trabalho, pouca criatividade, pouca capacidade de controle e nenhuma estabilidade para o futuro.

Na reportagem, os pesquisadores citam uma mudança no adoecimento do trabalhador brasileiro. “Um processo de ansiedade, depressão, perda de sentido do trabalho”. Essa mudança se reflete com força no setor financeiro. Entre 2009 e 2017, segundo dados do INSS, o total de bancários que tiveram benefícios acidentário ou previdenciário cresceu 30%. Mais de 50% dos casos referem-se a transtornos mentais (aumento de 61,5%).

A uberização do trabalho é um conceito que coloca o trabalhador como patrão de si mesmo, joga nas costas desse trabalhador toda a responsabilidade pela atividade laboral, que deveriam ser do seu empregador e as consequências da mesma para a sua saúde, sem qualquer garantia trabalhista.